

POLÍTICAS CULTURAIS COMUNITÁRIAS: DESCOBRINDO SHAKESPEARE A PARTIR DO TEATRO

Weslaine Wellida Gomes¹

Resumo: Nosso trabalho busca compartilhar nossas experiências no desenvolvimento do projeto *Shakespeare 2.1* em articulação com elementos do campo de atuação, estudo e pesquisa das políticas culturais comunitárias. Nosso entendimento do referido campo de estudo advém da formação da autora do trabalho no Curso de Especialização em Políticas Culturais de Base Comunitária da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO). Alguns dos elementos apresentados no atual trabalho são o senso de comunidade, canais de comunicação comunitárias, formas de financiamento colaborativas e produção de discursos. Discutiremos como tais elementos estão presentes em nosso desenvolvimento do projeto junto à comunidade da regional Pampulha de Belo Horizonte.

Palavras-chave: políticas culturais comunitárias, comunidade, Shakespeare, teatro.

Políticas Culturais Comunitárias: contexto

O tema das Políticas Culturais Comunitárias emergiu com mais força na América Latina a partir da constituição de espaços de discussão entre países da região no final da década de 1990. Atualmente, a Iberoamérica é composta pelos seguintes países: Andorra, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Espanha, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

Para compreendermos o estado da arte da discussão sobre políticas culturais comunitárias é necessário voltarmos um pouco no tempo para observarmos a trajetória histórica do amadurecimento destas políticas na região.

Em 1991 as reuniões entre chefes de estado e de governo deram início ao que hoje compreendemos como Iberoamérica. Conforme nos informa Vicario (2019) a

¹ Cientista Política, atriz, produtora e gestora cultural. Graduada em Ciências Sociais e mestra em Ciência Política, ambos pela UFMG. Especialista em Políticas Culturais de Base Comunitária pela FLACSO. Formada em Teatro no Curso Técnico de Formação de Atores do Teatro Universitário também da UFMG. Professora da área de Produção e Gestão Cultural da Escola Livre de Artes (ELA) Arena da Cultura da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte. E-mail: wes.wellida@hotmail.com

reunião entre chefes de estado e de governo realizada no Chile, em 1996, marcou o desenvolvimento político da Iberoamérica e consolidou os programas de cooperação internacional como instrumentos de todos os países participantes. Em 1999, em Cuba, foi criada a Secretaria de Cooperação Iberoamericana (SECIB) que, em 2005, na reunião dos países membros na Espanha, foi substituída pela Secretaria Geral, com uma perfil político maior e não apenas técnico-administrativo como anteriormente. Em 2006, no Uruguai, houve um avanço fundamental para os estudos culturais na Iberoamérica: a promulgação da Carta Cultural Iberoamericana, que lançou as bases para o reconhecimento do espaço da Iberoamérica como dinâmico e singular, composto por manifestações de diferentes povos com uma trajetória histórica similar, porém, com práticas e tradições diferentes que se diversificaram ao longo dos séculos. Importante notar que a aprovação da Carta Cultural foi uma das primeiras medidas após a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, lançada em 2005 pela UNESCO. Na convenção está presente o entendimento da cultura como um direito humano básico, um avanço no debate sobre os direitos culturais enquanto direitos de cidadania. A Carta Cultural foi uma inspiração jurídica e conceitual da convenção e trouxe para a região algumas diretrizes para a implementação de políticas culturais nos territórios dos países membros da Iberoamérica. Por fim, em 2013, na Bolívia, na 23ª Reunião Iberoamericana, foi aprovada a criação do Programa Ibero cultura Viva, com a proposta de ser um fomento às políticas culturais de base comunitária. Atualmente, o programa conta com a adesão de 11 países: Brasil, Argentina, Costa Rica, Chile, Equador, El Salvador, Espanha, Guatemala, México, Peru, Uruguai.

Observamos que houve um amadurecimento da discussão sobre o papel da cultura nos projetos políticos e projetos de sociedade dos países membros da Iberoamérica. Este amadurecimento relaciona-se com o entendimento do que são políticas culturais comunitárias. Segundo Marquez (2019) é preciso investigar do que falamos quando nos referimos à comunidade ou comunitário. A autora observa que a definição da palavra “comunidade” ainda é uma grande desafio, pois ao longo do tempo diferentes sentidos foram atribuídos à esta mesma palavra. Se, por um lado, podemos compreender sociedade como o conjunto de relações e as funções que estas relações

assumem na vida dos indivíduos, por outro, em contraponto à sociedade, comunidade não pode ser compreendida como união física entre as pessoas, dado que o critério geográfico é insuficiente para se falar em aprofundamento das relações sociais. Neste sentido, comunidade parece estar mais próxima da ideia de pessoas que possuem um senso comum de integração, e que não estão necessariamente reunidas em um mesmo lugar fisicamente. A interação existente entre as pessoas tem se mostrado ser a característica mais evidente de uma comunidade.

Desta forma, ao pensarmos em políticas culturais comunitárias estamos nos referindo a políticas formuladas, implementadas e financiadas por atores sociais – públicos ou privados – que têm, de forma ampla, o objetivo de promover o acesso à bens e serviços culturais. No âmbito do Programa Cultura Viva há o esforço para ampliar o entendimento das políticas culturais para além da dimensão do acesso e fruição, mas segundo Santini (2019) compreender tais políticas como a possibilidade de construção de modos de vida e sociabilidades que se relacionam com as noções de identidade, território e comunidade. É a partir deste entendimento ampliado de políticas culturais que vamos realizar nossa reflexão.

Fatores fundamentais para desenvolver uma política cultural comunitária

Considerando nossas experiências em coletivos culturais, grupos de teatro e participação em espaços de interlocução com o poder público no Brasil, observamos três fatores principais para desenvolver uma política cultural comunitária:

1) Construção de um senso de comunidade. É necessário que as pessoas envolvidas nas ações culturais realizadas tenham um sentimento de integração em torno destas ações, tal como mencionado por Marquez (2019) e Turino (2019). Há ainda a dificuldade em se compreender como parte integrante ativa do local onde se vive e/ou trabalho. Sobre esta questão Oliveira (2019) chama a atenção para o processo de colonialidade existente na América Latina: padrões de poder que mantêm a lógica colonial eurocêntrica. As formas pelas quais os processos resultantes da chamada Modernidade Europeia desenvolveram-se na América Latina não foram emancipatórias. Os processos de construção de conhecimento no continente são marcados pela questão racial e patriarcal. O racismo e o patriarcado são experiências constantes vivenciadas

por vários membros de comunidades de periferia. Tais experiências quando vocalizadas em conjunto podem servir como fator agregador entre as pessoas, por isso, a importância de se compreender políticas culturais para além de de acesso à bens e serviços culturais, mas também como possibilidade de criação de novos modos e sentidos de vida, como paradigma civilizatório e construção de projetos de sociedade.

2) Criação e/ou aperfeiçoamento de formas de financiamento colaborativas. Observamos que uma das grandes dificuldades na manutenção dos espaços e atividades culturais das organizações do terceiro setor é a escassez de recursos financeiros. Conforme menciona Vicario (2019), as trocas de governo podem resultar em uma mudança no fomento às políticas culturais comunitárias, dadas as diferenças no desenvolvimento destas políticas nos países iberoamericanos. Daí, nossa compreensão de que possuir apenas o poder público como fonte de recursos é arriscado para os agentes culturais. Pensamos ser necessário uma maior articulação com outros agentes culturais da região em que se vive e trabalha, compreendendo amplamente os comerciantes, líderes de bairro, agentes religiosos, professores, estudantes, como agentes culturais também. Da articulação com outros agentes é possível criar estratégias como “um selo de colaboração cultural” para comerciantes e pequenos empresários, campanhas de financiamento coletivo e atividades como concursos e premiações para arrecadação de recursos.

3) Investir em canais de comunicação comunitários. Se o que constitui uma comunidade não é a presença física das pessoas em um mesmo território, mas sim o senso comum de integração em torno de um objetivo/condução, é preciso que a comunicação com as pessoas invoquem esse senso comum integrador. Não é possível realizar uma ação cultural sem levar em consideração os processos de comunicação que rodeiam essa ação. Por isso, tais ações devem tentar dialogar com os desejos, inspirações e necessidades das pessoas para conseguir falar diretamente à elas. Dessa forma, canais não convencionais como carros/motos de som nas ruas, anúncios durante as missas e cultos religiosos, divulgação nos espaços de mobilização como centros populares de compra, escolas e postos de saúde são importantes. Reconhecer tais lugares como espaços culturais é importante.

O projeto Shakespeare 2.1

Nosso projeto Shakespeare 2.1 surgiu da observação cotidiana dos profissionais envolvidos de que há um estigma elitista sobre autoras/autores considerados clássicos da literatura mundial e/ou nacional, que contribui para que a obra destas/destes autoras/autores, por vezes, seja considerada muito complexa, de difícil entendimento, chata e até mesmo "não adequada" para determinadas pessoas ou grupos sociais. Nós, os profissionais envolvidos no projeto discordamos deste entendimento, pois acreditamos que se trata da forma como é realizada a leitura dos textos destas/destes escritoras/escritores e em que medida a abordagem destes textos aproximam as pessoas das questões tratadas pelas/pelos autoras/autores.

Neste sentido, o projeto Encontro Shakespeare 2.1 se propõe realizar uma leitura das obras do escritor inglês que dialogue com as questões contemporâneas e que, devido aos estigmas sobre os clássicos, as pessoas não conhecem e não sabem que este diálogo é possível.

A escolha por Shakespeare deve-se a três motivos: (1) por se tratar de um escritor conhecido mundialmente, ainda que muitas pessoas não realizem tanto a leitura de suas obras, têm alguma noção ou sentimento em relação à sua produção literária; (2) por possuir uma vasta produção literária com uma enorme riqueza de personagens, tipos sociais e reflexões sobre a existência humana e (3) por existir um método mais organizado de abordagem de suas peças e sonetos junto ao público de profissionais das artes e não profissionais. Consideramos alguns aspectos ao desenvolver nosso projeto na regional Pampulha de Belo Horizonte.

Atividades similares. No território da regional Pampulha, Belo Horizonte/MG, Brasil, não houve atividades similares desenvolvidas até o momento. No Centro Cultural Pampulha, um centro municipal, acontecem oficinas de teatro, música, dança, fotografia, artes plásticas, circo, entre outras, entretanto, nenhuma delas buscou abordar as obras de Shakespeare como fio condutor para suas atividades.

Antecedentes. Houve uma oficina desenvolvida no Centro Cultural Pampulha pela autora do atual trabalho sobre a peça Hamlet, chamada "Hamlet – o príncipe mal dito", realizada em novembro de 2017. A oficina buscou estudar as personagens, o

enredo e as diferentes interpretações da peça, a través de filmes, músicas, poesias, fotografias e experimentações teatrais.

No entanto, a oficina “Descobrimdo Shakespeare”, proposta por este projeto foi realizada apenas uma vez, em junho de 2019, no Coletivo Casa dos Livros, Ribeirão das Neves/MG. A oficina foi composta por exercícos inspirados na apostila “Descobrimdo Shakespeare na sala de aula”, lançada no Brasil pela People’s Palace Projects. A oficina buscou através da literatura e teatro, desenvolver a criatividade e incentivar os participantes a explorarem seu próprio mundo e sua realidade através das obras de Shakespeare. Os participantes foram adolescentes de 15 a 16 anos.

Oportunidades. Trata-se de uma forma de propiciar aos adolescentes e jovens participantes da oficina um espaço para desenvolverem suas habilidades socioemocionais, bem como, ampliarem seus repertórios culturais. Outra dimensão de oportunidade trata-se de propiciar aos diversos públicos a chance de assistir uma construção de narrativa das obras do autor mais próximas de sua própria realidade.

Fortalezas. A força principal do projeto reside na possibilidade de construção de narrativas a partir do lugar de existência dos jovens e adolescentes participantes do projeto.

Dificuldades. Uma dificuldade para concretização do projeto trata-se ainda da resistência que alguns públicos podem possuir em relação a obras consideradas “clássicas” e, por vezes, chatas, o que pode levar a um desinteresse pelas oficinas. Outra dificuldade é a captação de recursos para pagamento dos profissionais envolvidos no projeto, bem como, de outros recursos materiais, como livros, xerox, figurinos e maquiagem.

Problemáticas. O território da regional Pampulha é muito diverso, tendo públicos com condição socioeconômica mais elevada, como também públicos com alta vulnerabilidade social. Esta assimetria socioeconômica reflete-se nos hábitos culturais das pessoas, dado que muitas podem ter dificuldade de deslocamento até o Centro Cultural Pampulha – uma vez que necessitem pagar transporte coletivo - ou até mesmo as famílias dos participantes não reconhecerem a importância da formação cultural e artística, por meio do teatro, na vida de seus filhos e darem preferência a que estes jovens trabalhem ao invés de participarem de atividades culturais.

Buscando uma política cultural comunitária através de Shakespeare

Nossa proposta tem sido a de promover um espaço de compartilhamento, reflexão, formação e acesso às obras do escritor William Shakespeare, a partir de uma visada mais democrática, em diálogo com temas atuais no campo das questões de gênero, raciais, migrantes, refugiados, indígenas e que avance no desenvolvimento de novas linguagens e abordagens de sua obra, fora do espectro elitista, por vezes, injustamente tão associado ao escritor. Além destas questões atuais identitárias que emergiram no início do século XXI, Shakespeare traz em seu grande repertório de peças e sonetos reflexões sobre a existência humana que perpassaram diferentes épocas e ainda nos tocam como seres humanos, a exemplo da disputa pelo poder, corrupção, ruídos em relacionamentos amorosos e sexuais, dificuldade em lidar com a morte, dor, traição e a angústia por nossa finitude.

Neste sentido, nosso projeto tem promovido o acesso e divulgação de bens culturais de valor histórico incalculável para mais parcelas da população, em especial, as/os adolescentes que estão em processo de descobrindo de novos saberes e experiências e que podem encontrar nos textos de Shakespeare uma ferramenta para compreensão e reflexão sobre sua realidade e uma possibilidade de desenvolverem suas habilidades sociais, criativas, emocionais e intelectuais.

Outro aspecto importante do desenvolvimento do projeto é seu caráter descentralizador, na medida em que propõe oficinas e apresentações em um território fora do eixo Centro-Sul da cidade de Belo Horizonte (MG), eixo que concentra grande parte dos equipamentos culturais da cidade, buscando promover o direito de acesso e fruição cultural de pessoas moradoras de ocupações urbanas e comunidades/bairros mais distantes do centro da cidade.

Shakespeare 2.1 é fruto de um processo de pesquisa e difusão das obras do autor realizado pela autora do atual trabalho e possui um histórico de realização com oficinas e apresentação de trabalho. Em 2017 aconteceu a oficina sobre Hamlet no Centro Cultural Pampulha e apresentação de trabalho no II Congresso Internacional Epistemologias do Sul. Em 2019 a oficina *Descobrendo Shakespeare* aconteceu no Coletivo Casa dos Livros na cidade de Ribeirão das Neves (MG), região metropolitana

de Belo Horizonte. A próxima oficina está agendada para acontecer de forma remota em maio de 2021 no Festival Pá na Pedra de Ribeirão das Neves/MG.

A partir de importantes referências no espectro das políticas culturais de base comunitária pudemos perceber algumas dimensões fundamentais que incorporamos em nosso projeto.

A primeira delas diz respeito diretamente ao conteúdo de nossa oficina: (1) processo de produção e circulação de discursos. Conforme afirma Ramirez (2019) podemos nos perguntar “quem e para quem se desenham os discursos?”

É notório em uma sociedade marcada por assimetrias de poder, que os grupos e indivíduos possuem capacidades diferentes de amplificação de suas vozes e, conseqüentemente de seus discursos. Grupos e indivíduos historicamente marginalizados do acesso à recursos de poder político e econômico têm maiores dificuldades de circulação de seus discursos sobre o mundo da vida. Oliveira (2019) salienta que há ainda padrões de poder na América latina – e outras partes do mundo – que mantêm a lógica colonial eurocêntrica. Isto significa que a produção de conhecimento não ocorre sobre parâmetros igualitários. Os processos de construção de conhecimento no continente são marcados pela questão racial e patriarcal. Dessa forma, podemos nos perguntar se os discursos produzidos por grupos e indivíduos em vantagem social são capazes de abranger a pluralidade de ideias e modos de vida de todos os outros grupos e pessoas, já que “os discursos não são textos que circulam ingenuamente” (RAMIREZ, p.8, 2019).

Frente à tais assimetrias, consideramos fundamental promover ferramentas de produção e amplificação das vozes de públicos em desvantagem social. A arte tem se mostrado eficiente neste aspecto. A oficina *Descobrimdo Shakespeare* propicia um espaço para a descoberta e construção de narrativas, um elemento essencial ao discurso. Trata-se de incentivar e orientar a prática dos estudantes/participantes da oficina em direção a projetos de pesquisa e expressão inspirados pelas obras de Shakespeare, mas baseados na realidade e experiências das/dos estudantes. As palavras de Shakespeare podem ser catalizadoras do desvelamento de situações de opressão, preconceitos, gratidão e descobertas de formas de combater as situações negativas e compartilhar as positivas.

Neste sentido, podemos pensar também não apenas na forma de produzir, mas também de circular as narrativas. As instituições como Estado, família, igrejas, partidos, educação, meios de comunicação, são essenciais para esta circulação. Prover os jovens de suas próprias narrativas pode fazê-los multiplicadores das mesmas, dado que podem influenciar outras instituições de seu cotidiano, como as escolas, suas famílias, grupos e redes que participam. Isto possibilita que os grupos não se tornem reféns apenas dos discursos prontos divulgados por grandes centros de comunicação.

Outra dimensão importante das políticas culturais comunitárias diz respeito (2) ao nosso papel como gestores culturais comunitários. O espaço do teatro possibilita que determinadas habilidades e competências sociais sejam desenvolvidas entre os públicos que participam das oficinas e também sejam multiplicadas por eles.

“O papel dos gestores culturais comunitários está muito relacionado com impulsionar processos formativos e de sensibilização humana, que provoquem mudanças de atitude, que gerem pensamento crítico, diálogos intergeracionais e multiculturais, ambientes de respeito, solidariedade e harmonia para o bem viver” (BEDOYA, p. 16, 2019).

Um diálogo intercultural entre as obras de um escritor inglês dos séculos XVI e XVII e entre as possíveis leituras que podem ser feitas delas pelos públicos do século XXI torna-se uma boa proposta de formação em um projeto cultural comunitário.

Considerações Finais

Nosso trabalho buscou apresentar elementos do campo de atuação, estudo e pesquisa em políticas culturais comunitárias que utilizamos para desenvolver nosso projeto Shakespeare 2.1. Consideramos que conseguimos avançar em dimensões como a crítica à produção e sentidos dos discursos que circulam por entre públicos moradores de regiões de periferia, a construção de um senso de comunidade entre as/os estudantes que participam das oficinas e o desenvolvimento de habilidades necessárias para as/os gestores culturais comunitários. No entanto, consideramos igualmente importante salientar que outras dimensões ainda necessitam de maiores avanços, como a construção de canais de comunicação comunitários e as formas de financiamento colaborativo. No

atual cenário de vulnerabilidade socioeconômica que grande parte da população brasileira vivencia e também os públicos para os quais voltamos nosso projeto, tem sido bastante difícil desenvolver atividades que exigem ir além da busca pela sobrevivência cotidiana. Neste sentido, o financiamento colaborativo de ações do projeto e a comunicação que envolve toda a comunidade estão comprometidos. Trabalhamos para que aos poucos possamos retornar ao estágio anterior, antes da pandemia, e para que a livre participação na vida cultural da comunidade seja assegurada às pessoas, ainda que com suas limitações e grandes desafios.

Referências Bibliográficas

MARQUEZ, Clarissa (2019). **Políticas culturais e comunidades**. Curso de Pós-Graduação Internacional em Políticas Culturais de Base Comunitária. Módulo 2 – Políticas Culturales.

OLIVEIRA, Dennis de. (2019). **Cultura Popular, intelectuais periféricos e resistências a colonialidade do poder**. Curso de Pós-Graduação Internacional em Políticas Culturais de Base Comunitária. Módulo 1 – Processos Culturales Contemporâneos.

SANTINI, Alexandre (2019). **Cultura Viva Comunitária. História e Conceituação**. Curso de Pós-Graduação Internacional em Políticas Culturais de Base Comunitária. Módulo 3 – Cultura de Base Comunitaria.

TURINO, Célio (2019). **Derechos Culturales**. Curso de Pós-Graduação Internacional em Políticas Culturais de Base Comunitária. Módulo 2 – Políticas Culturales.

VICARIO, Fernando (2019). **Culturas Iberoamericanas. Perspectiva histórica y debates actuales**. Curso de Pós-Graduação Internacional em Políticas Culturais de Base Comunitária. Módulo 1 – Processos Culturales Contemporâneos.

BEDOYA, Doryan (2019). **El rol del/de la Gestor/a comunitario/a**. Curso de Pós-Graduação Internacional em Políticas Culturais de Base Comunitária. Módulo 5 – Desenho, Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas.

OLIVEIRA, Dennis de. (2019). **Cultura Popular, intelectuais periféricos e resistências a colonialidade do poder**. Curso de Pós-Graduação Internacional em

Políticas Culturais de Base Comunitária. Módulo 1 – Processos Culturales Contemporâneos.

MARCÍAS, Paula. (2019). **Diseño y evaluación de políticas públicas para la promoción de proyectos culturales comunitarios**. Curso de Pós-Graduação Internacional em Políticas Culturais de Base Comunitária. Módulo 5 – Desenho, Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas.

RAMIREZ, Giancarlo Protti. (2019). **La Construcción Colectiva de los Públicos**. Curso de Pós-Graduação Internacional em Políticas Culturais de Base Comunitária. Módulo 5 – Desenho, Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas.

IGARZÁBAL, Belén. (2019). **Comunicación de proyectos culturales comunitarios**. Curso de Pós-Graduação Internacional em Políticas Culturais de Base Comunitária. Módulo 5 – Desenho, Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas.